

O DISCURSO POLÍTICO REVOLUCIONÁRIO DA FRIP AO PRT: TRANSFORMAÇÕES EM TORNO DO ETHOS REVOLUCIONÁRIO

Ailin Nacucchioⁱ

Resumo: O presente artigo analisa o discurso político da Frente Revolucionária Indoamericana Popular, nascida em 1961, e do Partido Operário Revolucionário El Combatiente, duas organizações historicamente contemporâneas que partilham uma matriz discursiva. Nosso objetivo geral é analisar como as variações no discurso político revolucionário expressam características das organizações que o produzem de acordo com o seu lugar na política revolucionária. Para isso, interessa-nos especificamente o ethos discursivo, entendido como a emergência, no enunciado, de uma figura legitimadora do discurso e de um coenunciador que participa da produção de sentido, construindo, assim, a “comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso” (MAINGUENEAU, 1999). Abordando um corpus composto por editoriais de imprensas orgânicas, analisaremos a composição do ethos, partindo da hipótese de que suas variações indicam o lugar de cada organização no campo político revolucionário.

Palavras-chave: Discurso Político. Ethos. FRIP. PRT.

Abstract: This article examines the politic discourse of the “Frente Revolucionario Indoamericano Popular”, revolutionary group formed in 1961, and the “Partido Revolucionario de los Trabajadores El Combatiente”, best known in Argentinean’s politic history as PRT-EC. These organizations, historically linked, share a discursive matrix. Our objective is to analyze how the variations in revolutionary politic discourse show the organization’s characteristics, depending on their place in the revolutionary politic field. With that in mind, we’ll take particular interest in discursive *ethos*, emerging as a guarantor figure for the discourse and for the co-enunciation subject, who participates in sense’s production and plays a part in the “imaginary community of those who support the same discourse” (MAINGUENEAU, 1999). We will approach each organization’s press editorials to track the discursive *ethos*’ composition, starting from the hypothesis that variations in *ethos* signal each organization’s place of enunciation in the revolutionary politic field.

Keywords: Political Discourse. Ethos. FRIP. PRT.

ⁱ Licenciada em Letras pela Universidade de Buenos Aires (UBA), Argentina. E-mail: ailin.nacucchio@gmail.com.

Introdução

Dos partidos políticos que desempenharam um papel importante em episódios de revolta social na segunda metade do século XX, o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (doravante PRT) destaca-se como um dos mais importantes¹.

As origens do PRT remontam à formação, em 1961, da Frente Revolucionária Indoamericana Popular (de agora em diante FRIP), pequena organização regional de Santiago del Estero, Tucumán e Salta liderada pelos irmãos Santucho. O nascimento oficial do PRT, em 1965, é o resultado da confluência progressiva da FRIP com a “Palabra Obrera” (Palavra Operária), organização trotskista liderada por Nahuel Moreno. Todavia, com este último, houve diferenças, principalmente em torno da luta armada², as quais, em 1968, desencadearam uma ruptura, oficializada durante o IV Congresso do PRT. A partir daí, surgem duas vertentes: o PRT – *La verdad*, que mantém a liderança e a linha política de Moreno, e o PRT – *El Combatiente* (doravante PRT-EC), já definitivamente liderado por Mario Roberto Santucho³. É o último que irá sustentar, ao longo do tempo, as siglas PRT (DE SANTIS, 2010).

Este artigo direciona-se especificamente ao discurso político produzido pela FRIP, em 1961, e pelo PRT-EC, em 1968. Sob uma perspectiva puramente organizacional, trata-se de dois espaços políticos muito diferentes: a FRIP considerava-se um movimento regional nacionalista e anti-imperialista antes que marxista e, desse lugar, reivindicava os processos revolucionários que mobilizavam a cena política latino-americana da época⁴; o PRT-EC, ao

1 “O PRT é, sem dúvida, uma das organizações mais importantes no período, não só na Argentina, mas também em termos da América Latina. Sua importância pode ser vista na influência política que alcança em amplos setores, em sua enorme capacidade militar, em seu alcance nacional [...]. O que nos parece específico na organização liderada por Mario Roberto Santucho é dado por sua concepção política, por sua adesão ao marxismo leninismo, ou seja, por haver conquistado, a partir dessas posições, a adesão de um grande número de trabalhadores de uma classe trabalhadora que era majoritariamente peronista” (WEISZ, 2004, p. 13).

2 “A diferença decisiva será em torno da decisão de começar a organizar a luta armada, particularmente no que se refere ao processo iniciado em Tucumán a partir da resistência ao fechamento de fábricas pelo governo de Onganía. O que Moreno interpretou como atos desesperados por parte dos setores demitidos, Santucho entenderia como uma radicalização dos trabalhadores que avançavam em direção à luta armada” (WEISZ, 2004, p. 18).

3 Dirigente histórico do PRT.

4 De acordo com as palavras de um de seus membros: “A gama de teóricos que, por sua vez, tinham sido ativistas da América Latina, deu-nos características de uma nova esquerda, que não falam (*sic.*) a língua do movimento comunista internacional, mas uma intimamente ligada à nossa língua, para a América, para os nossos antepassados” (DE SANTIS, 2010, p. 48).

contrário, surge como uma organização de tipo leninista⁵ e de alcance nacional, tendo como referência figuras da tradição marxista (WEISZ, 2004). Trata-se, portanto, de duas comunidades discursivas diferentes⁶. Por outro lado, muitos autores (POZZI, 2004; WEISZ, 2004; GRECO, 2008) destacam a continuidade histórica entre a FRIP e o PRT-EC a partir da militância dos irmãos Santucho (entre outros⁷), bem como na adscrição a um modo de pensar sobre a política ligado, em ambos os casos, à ideia da Nova Esquerda⁸. Da mesma forma, observamos que o discurso do PRT-EC compartilha com o do seu oponente regional uma matriz discursiva (ARNOUX, 2004) evidente em três componentes que aparecem na imprensa política de ambas, o *Boletín del FRIP* e *El Combatiente*:

(1) A coexistência de três receptores negativos ligados ao funcionamento do sistema de exploração: um identificado com o imperialismo ou com o capitalismo internacional; um identificado com o empregador ou a burguesia nacional; e outro, com o agente político que transforma os interesses econômicos em ação do governo:

Boletín del FRIP: “Aos **patrões**, apenas interessa usar o **governo** para ganhar cada vez mais, para roubar do trabalhador uma parte maior que aquela que produz e porque os **patrões** são cúmplices, amigos dos **imperialistas** que tiram os seus lucros do país” (nº 2, novembro de 1961)⁹.

El Combatiente: “A culpa, se se pode chamá-la assim, de **Onganía**, de seus colaboradores e de seus defensores é serem, pura e simplesmente, representantes e membros da classe dos **exploradores nacionais** irremediavelmente comprometidos com o maior sócio extranacional e inimigo do país” (nº 5, 15 de abril de 1968)¹⁰.

5 “[...] a organização em células, a mais alta autoridade do Congresso, e a eleição, neste, de um Comitê Central, que, por sua vez, vota em um Comitê Executivo e em um Bureau Político para liderar o partido em congressos” (WEISZ, 2004, p. 28).

6 Entendendo-se por comunidade discursiva a existência de um grupo que produz, consome e gerencia os discursos correspondentes a uma determinada formação discursiva (MAINGUENEAU, 1984, p. 135).

7 Desenvolvido pelo ex-militante Carlos Ledesma em entrevista (DE SANTIS, 2010).

8 As principais características da Nova Esquerda são a importância que possui a luta contra o imperialismo e a ênfase dada à legitimidade e à necessidade de luta armada (WEISZ, 2004). Nesse mesmo sentido é que o PRT-EC diferencia-se do trotskismo de Moreno em 1968.

9 N.T: negrito do autor.

10 N.T.: negrito do autor.

(2) A relevância da revolução cubana nos processos políticos da região e do mundo:

Boletín del FRIP: “A Revolução Cubana merece a solidariedade dos patriotas latino-americanos e, nesse sentido, pronunciamo-nos” (nº 1, outubro de 1961).

El Combatiente: “A Cuba socialista foi a proclamação da guerra revolucionária contra o imperialismo em nosso continente” (nº 1, 06 de março de 1968).

(3) A revolução contra o sistema capitalista como dever dominante do componente programático:

Boletín del FRIP: “É um dever histórico de novas promoções assumir a luta por transformações revolucionárias, tanto aqui como no resto da América Latina” (nº 1, outubro de 1961).

El Combatiente: “Este IV Congresso é [...] o que foi armado aos militantes com as ferramentas essenciais para cumprir o seu dever fundamental, o dever de fazer a revolução” (nº 1, 06 março de 1968).

Essa matriz constitui o domínio de conhecimento próprio de uma formação discursiva¹¹, cujos limites coincidem, pelo menos tendencialmente, com uma parte do campo político, o qual chamaremos *revolucionário*.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a forma como o discurso político revolucionário¹² expressa características da organização que o produz em função de seu lugar no campo da política revolucionária. Para isso, interessa-nos a imagem que o enunciador produz de si no discurso, alimentada por representações coletivas que constituem sua autoridade como locutor (AMOSSY, 1999). Analisaremos especificamente o *ethos* discursivo, definido por Maingueneau (1999) como a emergência no enunciado de uma figura *legitimadora* do discurso (entendida como a origem enunciativa imaginada), associada a “um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira

11 Entendido como um conjunto de possíveis formulações discursivas associadas a uma posição no campo social e a uma determinada conduta histórica (COURTINE, 1981, p. 49).

12 Para caracterizar o nosso *corpus* como discurso *político*, assumimos a perspectiva de Verón (1987), que o caracteriza associando-o a instituições e padrões identificáveis de produção e circulação do que ele chama de “jogos de discurso”. Além disso, contando com Chilton e Schaffner (2000), pensamos nele como discurso político *revolucionário* por sua associação de *oposição* e *resistência*, não só aos que e como ocupam as instituições do Estado, mas às próprias instituições, ao sistema político tal como existe, dominado por certas relações de poder.

específica de relacionar-se com o mundo habitando seu próprio corpo”¹³. De acordo com esse autor, o coautor, como destinatário que participa ativamente da produção de sentido, adere a esses regimes (*incorpora-os*) e, assim, constituiu-se a “comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso”¹⁴.

Para realizar nossa análise, observaremos alguns aspectos da enunciação que consideramos subsidiários do *ethos* discursivo: identificaremos a constituição de diferentes tipos de destinatário¹⁵, assim como o surgimento de diferentes tipos de componentes da enunciação política (VERÓN, 1987); observarmos, quando for o caso, o uso de recursos retóricos (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1989), a construção dos sujeitos da enunciação e o aparecimento de subjetivas (KERBRAT-ORECCHIONI, 1993) e o uso de metáforas polêmicas (ANGENOT, 1982).

Partimos da hipótese de que existem diferenças entre o *ethos* produzido no *Boletín del FRIP* e o produzido no *El Combatiente*, e essas diferenças expressam o lugar enunciativo dentro do campo político revolucionário de cada uma das organizações.

Utilizaremos um *corpus* composto por duas séries discursivas¹⁶:

a) O *Boletín del FRIP*, imprensa orgânica do grupo com o mesmo nome. Trabalharemos com os quatro primeiros números, publicados entre outubro de 1961 e janeiro de 1962¹⁷. Para referências ao longo do texto, utilizaremos BF e o número correspondente.

b) *El Combatiente*, imprensa orgânica do PRT, após o VI Congresso, em março de 1968. Utilizaremos, neste trabalho, os cinco primeiros números,

13 Traduzido do original em francês: “un ensemble de schèmes qui correspondent à une manière spécifique de se rapporter au monde en habitant son propre corps”.

14 Traduzido do original em francês: “communauté imaginaire de ceux qui adhèrent à un même discours”.

15 Como se vê na análise, os conceitos de paradestinatário e, especialmente, o de prodestinatário foram ajustados à análise de um tipo de discurso que não funciona como o analisado por Verón. Neste caso, trabalhamos com uma série discursiva enunciada por organizações (não indivíduos líderes), que lutam contra o Estado (não o representam) em um gênero de divulgação, como é a imprensa, diferente das disputas diretas entre os políticos, casos a partir dos quais Verón identifica o surgimento do protodestinatário no discurso. No entanto, a tripartição do destinatário se mantém, e por isso é que decidimos recorrer a esses conceitos.

16 O material que constitui o *corpus* foi compilado e lançado em CD como parte do livro de De Santis (2010).

17 Os únicos que permanecem em arquivo acessível ao público em geral.

publicados entre março e abril de 1968. Para referências no texto, utilizaremos EC e o número correspondente.

Em cada caso, trabalharemos com artigos identificados como pertencentes ao gênero editorial, considerado, em termos gerais, como “seções que expressam as atividades e posições polêmicas de todo o grupo” (BEIGEL, 2003). A única exceção será o número um do *El Combatiente*. Este primeiro exemplar é dedicado inteiramente à crônica e aos resultados do IV Congresso do Partido (evento político que determina o aparecimento dessa nova imprensa) e não tem nota editorial no sentido estrito. No entanto, ele fornece um exemplo relevante de como o PRT-EC se constrói como enunciador nessa nova etapa, o que não contradiz nem redundava em relação ao que observaremos nos números seguintes, por isso, decidimos incluí-lo no *corpus*.

Analisaremos separadamente, em primeiro lugar, o discurso da FRIP e, a seguir, o do PRT-EC. Cada análise incluirá uma breve introdução sobre a organização e a militância de cada grupo, para possibilitar a compreensão dos discursos no contexto da prática militante em que atuam as respectivas imprensas. Em seguida, abordaremos o *ethos* discursivo de cada organização, em ambos os casos, iniciando pela estrutura discursiva no que seja diferencial, então abordaremos o uso de nós e a função específica que adquire no discurso. Finalmente, como forma de conclusão, indagaremos a posição que cada organização teve no campo político revolucionário dos *ethé* analisados.

1 A enunciação da FRIP

Quando foi editado o primeiro número do *Boletín del FRIP*, em 1961, a organização, recém-formada, contava, em sua maioria, com militantes de formação política autodidata, que se reuniram no mesmo grupo por possuírem tendências ideológicas semelhantes e serem simpatizantes dos processos políticos revolucionários que estavam acontecendo em diferentes partes da América Latina (DE SANTIS, 2010). A militância foi muito localizada: a FRIP funcionava em algumas províncias do Noroeste e se empenhava para crescer como grupo político especialmente entre os trabalhadores do setor

sucroalcooleiro¹⁸, apesar de também contar com militantes na Universidade de Tucumán e em zonas fabris.

1.1 Ethos pedagógico

A enunciação da FRIP produz um *ethos* com características fortemente pedagógicas. O componente principal do discurso é o didático; nele, o orador explica o mundo a partir dos princípios que o ordenam.

A situação atual do mundo é caracterizada pela existência de países pobres e ricos. Os últimos baseiam parte de seus ganhos de bem-estar na exploração dos recursos naturais dos países pobres, e no comércio sobre o qual impõem condições como mais fortes. Ou seja, na desapropriação e na injustiça. Assim, a luta dos povos dos países pobres para alcançar sua independência econômica é legítima e justa (BF1).

Os editoriais da FRIP não tratam da conjuntura específica em que a publicação aparece: formulam verdades sobre o funcionamento do sistema político-econômico. Em menor grau, utilizam os componentes prescritivo e programático; a FRIP constitui-se como enunciador político menos por um programa de ação do que pela análise que faz da realidade.

Aos padrões, interessa somente usar o governo para ganhar cada vez mais, para roubar do trabalhador uma parte maior do que a que ele produz e porque os padrões são cúmplices, amigos dos imperialistas que tiram os seus lucros do país, e que estão empenhados em que sejamos sempre pobres para seguirem nos dominando (BF2).

Esse caráter didático do discurso aparece reforçado pelos recursos de *presença*¹⁹ que povoam os enunciados, tornando os grupos que se identificam com os assuntos tratados em objetos de explicação. Entre eles, é recorrente a *sinonímia*, que duplica as referências a cada entidade do discurso por meio de uma palavra ou frase que reforça a interpretação da anterior: “o povo crioulo, de trabalho” (BF3), “o trabalhador, a maioria do povo” (BF2); “são os privilegiados, os ricos da nossa sociedade” (BF1).

¹⁸ Há no *Boletín* alusões que dão uma ideia do tipo de transmissão que se realizava em áreas rurais: “Cada homem da FRIP, que, atravessando os caminhos empoeirados santiaguenses, chega a um rancho humilde, é um irmão que se aproxima para falar sobre os problemas comuns” (*Boletín del FRIP* n° 4).

¹⁹ “[O] fato de colocar em manifesto, para que lhes permita ocupar o primeiro plano da consciência, certos elementos sobre os quais o orador deseja chamar a atenção” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1989).

Também são numerosos os casos de *enumeração*, que justapõem entidades que são nominalmente diferentes e iguala-as entre si, mostrando-as como partes de um mesmo conjunto e destacando, assim, a única diferença politicamente relevante, a que existe entre exploradores e explorados: “AGRICULTORES, TRABALHADORES, ESTUDANTES, INTELECTUAIS” (BF3)²⁰; “Um pequeno grupo de comerciantes, fabricantes, colecionadores e industriais que, muitas vezes, são também politiqueros” (BF3).

Traça-se, assim, um mapa social em que cada grupo ocupa o lugar determinado pelo sistema, ou, em outras palavras, o sistema *ensina* a posição de cada um em relação aos demais, que são os seus pares ou seus opostos.

A salvação definitiva, a única salvação que tem o *trabalhador*, a *maioria do povo*, e que é, ao mesmo tempo, a salvação da *província*, do *país*, de *toda a América Latina*, é que seja o próprio trabalhador que governe. Enquanto os governadores forem os patrões, o fabricante, o industrial, o banqueiro, o comerciante forte, o latifundiário só se pode esperar que o *trabalhador* seja cada vez mais explorado, que o *país* empobreça cada vez mais (BF2²¹).

O tom geral da enunciação evoca um orador que possui (e transmite) um conhecimento sobre o mundo, um conhecimento que inscreve a realidade particular do explorado no universo não evidente de sua dimensão sociopolítica.

1.2 Nós, explorados

Esse ente legitimador toma corpo em um duplo movimento: por um lado, é individualizado como sujeito militante, baseia-se na mesma organicidade do grupo, delimitando-se no enunciado como uma entidade que ultrapassa a situação enunciativa:

A Frente Revolucionária Indoamericana Popular (FRIP) é um movimento [...] dedicado a destruir o sistema de exploração e opressão econômica vigente no país e especialmente em sua região mais afetada, que é a Noroeste (BF3).

20 Maiúsculas no original.

21 Os destaques em itálico indicam os paradestinatários, os sublinhados indicam contradestinatários; ambas as marcas são minhas.

Por outro, coloca-se em posição de igualdade com o seu codestinatário por meio do *nós inclusivo*²²:

Na parte da terra a que *pertencemos*, a América Latina, *estamos vivendo desunidos*, separados em 20 países (precisamente assim nos dominam melhor). *Somos um povo dividido* artificialmente em muitas repúblicas; *fazemos parte* do setor dos países pobres. São vários os países ricos que se aproveitam de nossa terra (BF1)²³.

A partir do *nós*, constitui-se uma identificação coletiva em que convergem os grupos associados ao paradesinatário. Desse modo, o enunciador militante identifica-se, sucessivamente, com os latino-americanos e os argentinos (como no exemplo acima), os santiaguenses, os trabalhadores e os pobres em geral – “estão determinados em que sejamos sempre pobres para continuar nos dominando” (BF1) – e faz surgir, com base nessa identidade, um grupo mais amplo que o do enunciador e do que cada um dos que representam o paradesinatário; um grupo que inclui todos no mesmo local em relação aos exploradores:

E o modo como será possível aproximar o dia em que o trabalhador governe para o bem do país, é organizando-se, juntando-se, falando sobre os problemas. Mobilizemos todos os nossos esforços para que, pouco a pouco, isso vá acontecendo (BF2).

Não são os militantes da FRIP, não são os trabalhadores organizados. Trata-se de um sujeito político em potencial que não existia no cenário político da época e naquela região, portanto, não poderia ser *nomeado*. É a proximidade com o *nós* que permite reconhecê-lo, ele é baseado no “dever ser” dentro do grupo do povo explorado, expresso nos segmentos prescritivos:

Mas isso não pode continuar. E os únicos que podem mudar isso são os trabalhadores, a maioria do povo. Só neles se pode confiar, apenas em suas próprias forças. Não devemos esperar mais (BF3)²⁴.

Assim, o enunciador transforma seu coenunciador – que, como “fora de jogo” é um paradesinatário – em prodestinatário. Trata-se do compromisso

22 “[...] aquele que incorpora o Receptor na referência ao Emissor [...] ocorre em todos os casos em que é importante para o emissor o envolvimento do receptor” (VERÓN, 1987).

23 Os itálicos são meus.

24 Os itálicos são meus.

com a formação futura de um grupo que materialize a identificação real com o nós.

2. A enunciação do PRT-El Combatiente

O nascimento do PRT-EC, em 1968, é marcado pela divisão do PRT original, do qual fazia parte. O partido é resultado de uma controvérsia: o seu próprio surgimento associa-se a um gesto de combate verbal. A militância tematiza-se no número um do *El Combatiente*, no qual são descritas e relatadas cenas do IV Congresso do PRT, proclamam-se os “benefícios” da ruptura que ali se formaliza e elogia-se a condição de classe de seus militantes:

Esse fenômeno aumentou significativamente a porcentagem, o peso específico de ativistas sindicais dentro do Partido, que agora, graças à depuração que significou a ruptura da camarilha pequeno burguesa, sobe para 50% do total (EC1).

O PRT-EC é uma organização com endereço, escritórios regionais, quadros e inserção em sindicatos. É também a representação da Quarta Internacional na Argentina e esboça o projeto de lançar a luta armada como estratégia política (POZZI, 2004).

2.1 Ethos combativo

Os editoriais do *El Combatiente*, ao contrário dos do *Boletín del FRIP*, favorecem a dimensão descritiva do discurso político, centrando-se na avaliação da situação política da época.

Após o primeiro ano da ditadura e faltando poucos meses para o 28 de junho, ninguém pode garantir que Onganía chegue a celebrar o segundo aniversário de seu governo com a aprovação dos setores burgueses e reacionários que até agora lhe deram seu apoio (EC5).

Aqui a enunciação faz surgir um *ethos* que chamaremos de *combativo* pelo tratamento dado ao contradestinatário.

De fato, o peso do *outro* negativo no discurso do *El Combatiente* é exacerbado nos modos de evocá-lo, pelo uso de: termos axiológicos²⁵, como

25 De acordo com Kerbrat-Orecchioni (1993), trata-se de termos que somam dois tipos inseparáveis de informação: uma descrição do que é denotado e uma avaliação “solidária com os sistemas de avaliação do falante”.

“pequeno ditador”²⁶ ou “seu longo discurso” (EC₂); metáforas polêmicas²⁷, como “o gago mental”²⁸ (EC₂), “fazem de comparsa”²⁹ ou “fazer de bode expiatório”³⁰; e algumas que caracterizam o regime político como um organismo: “descobrirá seu raquitismo” (EC₃). A descrição da situação assume um tom polêmico que começa a ser travado a partir da batalha, por meio da palavra, contra o inimigo de classe.

Da mesma forma, no número um, é outro o contradestinatório que concentra a atenção do enunciador: os ex-companheiros militantes do PRT, nascido em 1965, e que naquele tempo faziam parte do setor dissidente, a vertente PRT-*La Verdad*. A necessidade de afirmarem-se como legítimos sucessores da linha revolucionária determina a importância de marcar a diferença entre o enunciador e esse outro que, até pouco tempo antes, era parte do mesmo grupo.

Com a realização do seu 4º Congresso nestas condições [da ilegalidade], o Partido e sua liderança têm dado provas de sua maturidade, ignorando as calúnias de traidores que romperam com o Partido em momentos cruciais em que vivem a classe trabalhadora e o povo, subtraindo as forças de sua organização revolucionária mais forte (EC₁).

Para isso, recorre-se a termos fortemente axiológicos, como: “os traidores”, “a camarilha pequeno-burguesa”, “camarilha separatista”, “renegados da revolução”; entre as aspas (“essa minoria [...] descobre ‘diferenças metodológicas intransponíveis’”); e verbos que acionam os campos metafóricos da integridade (“rompeu a disciplina partidária”) e da pureza (“uma sangria que depura e fortalece”).

Do tom geral do enunciado, emerge um *ethos* que incorpora a luta de classes em forma de palavra. O PRT-EC não é o portador de um conhecimento, é o legitimador de uma posição, de uma posição de combate a partir da qual convoca um destinatário positivo, o qual será muito menos amplo que o da FRIP.

26 Refere-se a Onganía, presidente de fato em 1968.

27 Segundo Angenot (1982), trata-se de metáforas que estabelecem valorações ideológicas sobre aquilo a que se refere.

28 Refere-se a Onganía.

29 “Os inimigos de Onganía no movimento sindical *fingem-se de seus comparsas* com o objetivo de *se salvarem*” (EC₂, os itálicos são meus).

30 “Não é realmente culpa deles [...], por mais que sejam *bodes expiatórios*” (EC₅, os itálicos são meus).

2.2 Nós, revolucionários e conscientes

No *El Combatiente*, o grupo associado ao paradestinatório é referido alternativamente como “a classe operária e o povo”, “os trabalhadores”, “as massas” ou “os setores populares”. Assim, ele aparece como objeto do discurso nos segmentos descritivos e didáticos. Nos segmentos prescritivos, no entanto, há um prodestinatário identificado como “os trabalhadores conscientes”:

Em cada fábrica, em cada bairro, os trabalhadores conscientes devem organizar Comitês Clandestinos de resistência, para assumir a defesa dos interesses imediatos dos trabalhadores (EC2).

A dimensão do dever aparta o sujeito social do explorado, para torná-lo sujeito revolucionário, o qual é o interlocutor legítimo para o PRT-EC:

A primeira tarefa dos trabalhadores conscientes é a organização de Comitês de Resistência, que comecem imediatamente a propaganda e a agitação clandestina contra o regime. Ao mesmo tempo, a classe trabalhadora deve se preparar para a luta armada, obter armas e aprender a manejá-las (EC4).

Esse sujeito revolucionário é, em alguns casos, um nós – “Nesta realidade, devemos operar os trabalhadores revolucionários e conscientes” (EC4) –, mas, em outros segmentos, explícita que esse grupo não se limita aos membros do PRT-EC³¹: “Os trabalhadores conscientes, a vanguarda revolucionária, deve ter plena consciência da necessidade de um Partido Revolucionário” (EC2). Trata-se, em todo caso, de um grupo ligado ao campo político revolucionário e que segue de perto a posição do enunciador:

Em cada fábrica, em cada bairro, os trabalhadores conscientes devem organizar Comitês Clandestinos de resistência, para assumir a defesa dos interesses imediatos dos trabalhadores e começar a fazer propaganda e agitação contra a ditadura e o capitalismo, e a preparar os trabalhadores para a luta armada (EC2).

Os especificadores “revolucionário” e “consciente” nos segmentos prescritivos indicam uma condição do enunciador, estabelecem uma categoria de seletividade sobre o possível sujeito da ação política revolucionária,

³¹ Apenas no número um predomina um nós que alude exclusivamente aos militantes do PRT-EC: “As concepções estreitamente sindicalistas que se mantinham em *nossa organização* [...] determinaram que a maioria dos *nossos militantes* tenha uma preparação política deficiente: defeito grave que devemos superar” (EC1, os itálicos são meus).

segundo a qual, não é qualquer indivíduo da classe trabalhadora que pode estar preparado para cumprir com “seu dever fundamental, o dever de fazer a revolução” (EC1). Mas, simultaneamente, incorpora-se um gesto de aproximação entre o Partido e os seus simpatizantes: a própria condição de coenunciador, de coprodutor de sentido, será um sinal de consciência. Assim, os recursos que constituem os segmentos descritivos, suposições implícitas nas metáforas e subjetivemas, ou que remetam a fontes teóricas do marxismo³², apontam para um coenunciador participante das mesmas avaliações e produtor dos mesmos pressupostos, “qualquer tentativa de criar esse polo [das classes oprimidas contra o regime] que necessariamente temos de criar, deve ser feita dentro da maior seriedade” (EC3).

A enunciação organiza o campo revolucionário em categorias que vão da menor à maior proximidade com um centro que coincide precisamente com a fonte enunciativa: “Esta grande tarefa requer a liderança de um Partido Revolucionário da classe operária e do povo. A sua base é o P.R.T. Organizá-lo é o dever de todos os trabalhadores conscientes” (EC4). O enunciador inclui o seu coenunciador em um panorama da situação política em que o lugar de ambos já está estabelecido e se posiciona em seu discurso na vanguarda da luta política.

3. Resumo e conclusão: o *ethos* revolucionário, da FRIP ao PRT-El Combatiente

Da análise dos discursos produzidos pela FRIP, em 1961, e pelo PRT-EC, em 1968, emergem dois *ethé* discursivos muito diferentes.

No *Boletim del FRIP*, o enunciador é individualizado como sujeito político e ensina uma série de coisas. Ao mesmo tempo, marca uma relação de igualdade com o seu destinatário preferencial com base no uso do *nós inclusivo*. A partir daí, surge um *ethos* discursivo composto por recursos pedagógicos e gestos de companheirismo. A FRIP se apoia nisso para mostrar sua própria filiação, e a de todos os explorados, à mesma classe, mas também a adesão dos explorados ao projeto político que defende como necessário, e, desse modo, fundamenta a potencial existência do sujeito político partidário.

32 Em expressões como “a classe trabalhadora”, “a burguesia”, “a mobilização das massas”, “liderança revolucionária”.

No *El Combatiente*, o enunciador não ensina; analisa e avalia a situação política e seus principais adversários e faz um receptor positivo participar da análise, o qual caracterizou como “revolucionário e consciente”. O *ethos* discursivo do PRT-EC emerge do tom combativo e da posição de liderança que o constituem. Por meio dessas características, põe em cena a luta de classes e evidencia sua própria participação e a de seu coenunciador, imediatamente identificável com a figura geral do trabalhador envolvido na atividade sindical.

Por meio do *ethos*, cada organização opera a partir de uma posição diferente no campo político revolucionário: a enunciação da FRIP expressa um lugar à margem do campo político, constrói o *ethos* apropriado para um sujeito que deve promover a formação de bases políticas onde ainda não existam ou não estão firmadas; interpela um sujeito social que não pertence ativamente ao universo militante, mostrando-lhe a dimensão política da sua existência. Trata-se de um enunciador que confia no efeito programático de seu discurso: incorporando o modo adequado de entender o mundo (como coenunciadores), os trabalhadores também incorporariam a necessidade da militância revolucionária. O *ethos* do PRT-EC, ao contrário, expressa uma posição no centro do campo revolucionário (entendendo como centro não um lugar de predomínio nas relações de poder, mas o lugar onde “o político” é afirmado como objeto necessário de ação.). O enunciador do *El Combatiente* convoca um sujeito político que já existe, os trabalhadores conscientes e revolucionários, representando um coenunciador que já participa de alguma forma do debate político e em condições de levá-lo adiante. A partir dessa posição, o PRT-EC dedica-se a atualizar a sua liderança entre os que já estão dispostos a participar de sua militância.

Cada organização expressa, em nível discursivo, dois momentos de um processo histórico que levou a organização regional, através de alianças e rupturas, a tornar-se um partido de projeção nacional. O deslocamento das margens para o centro de seu campo político implicou a transformação do *ethos* discursivo em termos do alcance atribuído ao seu coenunciador, portanto, ao destinatário positivo do enunciador militante. O “fechamento” da enunciação sobre um destinatário militante tem sido, por vezes, interpretado como corolário de um processo de sectarismo político (TARCUS, 1998; GRECO, 2008). A partir de nossa análise e excluindo avaliações sobre a relevância da organização revolucionária, interessa-nos propor que tal

NACUCCHIO, Ailin. O discurso político revolucionário da FRIP ao PRT: transformações em torno do *ethos* revolucionário. Trad. Alexandre Marques Silva. Rev. Trad. Daniel Mazzaro Vilar de Almeida. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 6, p. 5-20, jun.2014.

processo de “fechamento” é inerente ao progresso da atividade política centrada na especificidade de um programa particular de ação. Por ora, essa hipótese fica para outro trabalho de análise.

Referências

AMOSSY, Ruth. L’ethos au Carrefour des disciplines: rhétorique, pragmatique, sociologie des champs. In: AMOSSY, R. (Ed.). **Images de soi dans le discours**. La construction de l’ethos. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1999. p. 129-154.

ANGENOT, Marc. **La parole pamphlétaire**. Contribution à la typologie des discours modernes. Paris: Payot, 1982.

ARNOUX, Elvira Narvaja de. El pensamiento sobre la Unión Americana: estudio de una matriz discursiva. **Letras**, Volumen Estudios Lingüísticos, n. 10, 2004.

BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, n. 20, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Diccionario de análisis del discurso**. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

CHILTON, Paul; SCHÄFFNER, Christina. Discurso y Política. In: VAN DIJK, Teun (Comp.). **El discurso como interacción social**. Barcelona: Gedisa, 2000. p. 297-331.

COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique. Le discours communiste adressé aux chrétiens. **Langages**, n. 62, 1981. Selección y traducción de la cátedra de Lingüística Interdisciplinaria para uso interno, FFyL, UBA.

DE SANTIS, Daniel. **La historia del PRT-ERP: por sus protagonistas**. Temperley: Estación Finlandia, 2010.

GRECO, Florencia. ‘Revolucionarios’ y ‘pequeñoburgueses’. Un análisis de las identidades discursivas perretistas. **Actas del III Congreso internacional “Transformaciones culturales: debates de la teoría, la crítica y la lingüística”**. Universidad de Buenos Aires, FFyL, 2008.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **La enunciación**. De la subjetividad en el lenguaje. Buenos Aires: Edicial, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, scénographie, incorporation. In: AMOSSY, R. (Ed.). **Images de soi dans le discours**. La construction de l’ethos. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1999. p. 75-100.

NACUCCHIO, Ailin. O discurso político revolucionário da FRIP ao PRT: transformações em torno do *ethos* revolucionário. Trad. Alexandre Marques Silva. Rev. Trad. Daniel Mazzaro Vilar de Almeida. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 6, p. 5-20, jun.2014.

_____. **Genèse du discours**. Liège: Mardaga, 1984.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de la argumentación**. La nueva retórica. Madrid: Gredos, 1989.

POZZI, Pablo. **El PRT-ERP, la guerrilla marxista**. Buenos Aires: EUDEBA, 2004.

TARCUS, Horacio. La secta política. Ensayo acerca de la pervivencia de lo sagrado en la modernidad. **Revista El Rodaballo**, n. 9, verano 1998-1999.

VERÓN, Eliseo. La palabra adversativa. In: AAVV. **El discurso político**. Lenguajes y acontecimientos. Buenos Aires: Hachette, 1987.

WEISZ, Eduardo. **El PRT-ERP: Nueva Izquierda e Izquierda Tradicional**. Buenos Aires: Ediciones del Instituto Movilizador de Fondos Cooperativos, 2004.

_____. **Partido armado, partido y movimiento**. Edición electrónica: Editorial último recurso. 2007 Disponível em: <http://www.ultimorecurso.org.ar>. Acesso em: 10.fev.2014.

Tradução:

Alexandre Marques Silva

Doutorando em Letras pela Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: alexandremarques@usp.br

Revisão da tradução:

Daniel Mazzaro Vilar de Almeida

Docente da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL).

E-mail: letrasdaniel@yahoo.com.br